

DO APELO AO NÃO INSCRITO À METÁFORA DELIRANTE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUBJETIVAÇÃO PSICÓTICA EM FREUD E LACAN

FROM THE SYMBOLIC CALL TO THE DELIRIOUS METAPHOR: CONSIDERATIONS ABOUT
THE PSYCHOTIC SUBJECTIVATION *IN FREUD AND LACAN*

Matheus Ramalho¹

Miriam Izolina Padoin Dalla Rosa²

RAMALHO, M.; ROSA, M. I. P. D. Do apelo ao não inscrito à metáfora delirante: considerações sobre a subjetivação psicótica em Freud e Lacan. **Akrópolis**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 39-57, jan./jun. 2014.

RESUMO: Fundamentando-nos no ensino de Sigmund Freud e Jacques Lacan, objetivamos circunscrever o problema da estruturação psicótica por forma a sustentar uma pertinente interrogação: quais as especificidades dispensadas ao manejo de uma clínica psicanalítica das psicoses? Em última instância, sem quaisquer pretensões de ser exaustivo, o presente trabalho é dedicado a delimitar as particularidades de um sinuoso trajeto que, correlativo à emergência de um chamado simbólico, destina-se à edificação de um recurso capaz de abrandar os efeitos da não incidência da metáfora paterna. Nesse sentido, objetivando apreender as especificidades do conceito de metáfora delirante, apresentaremos a causação psicótica em dois distintos momentos: de sua atribuição ao advento de uma fantasia de desejo homossexual à proposição do conceito de forclusão do Nome-do-Pai no campo Outro. Com este movimento, far-se-á possível discorrer acerca do retorno do significante no Real e seus efeitos correspondentes.

PALAVRAS-CHAVE: Lacan; Psicose; Sujeito.

ABSTRACT: Basing ourselves on the studies of Sigmund Freud and Jacques Lacan, we aimed at defining the problem of psychotic structure in order to answer a pertinent question: which are the exempted specificities in the management of a psychoanalytic clinic of psychosis? As a last resort, without any pretensions of being exhaustive, this paper is dedicated to the construction process specificities of a resource capable of mitigating the effects of the paternal metaphor non incidence. In this sense, aiming at learning the specificities of the concept of delirious metaphor, the psychotic causation will be presented in two different moments: its attribution to the advent of a fantasy of homosexual desire to propose the concept of foreclosure of the Name-of-the-Father in the Other field. In this sense, it will be possible to discourse about the return of the Real significant and its corresponding effects.

KEYWORDS: Lacan; Psychosis; Subject.

¹Acadêmico do oitavo período do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Escola de Saúde e Biociências - Campus Toledo. Endereço para correspondência: R. Fagundes Varela, 2411, Jd. Coqueiral - CASCAVEL, PR. CEP: 85807480. Contato: (45) 9925-3684/ (45) 3306-1108. Correio eletrônico: matheus.ramalho@pucpr.br/ mbramalho@hotmail.com

²Orientadora. Psicanalista. Graduada em Psicologia. Especialista em Metodologia do Ensino Superior. Especialista em Psicanálise Clínica e Cultura. Mestre em Educação. Mestranda em Filosofia pela UNIOESTE/Toledo/PR. Docente e Orientadora de Estágio no Curso de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. Toledo - PR. Endereço para correspondência: R. Santos Dumont, 2101, Centro - TOLEDO, PR. CEP: 85900010. Contato: (45) 3252-5076. Correio eletrônico: miriam.rosa@pucpr.br.

INTRODUÇÃO

Há um lugar para o psicanalista às imediações do enigmático percurso ao qual se destina o psicótico? Em plena emergência daquilo que — uma vez que em consonância com o ensino de Jacques Lacan — podemos designar de *fenômenos elementares*, faz-se possível demarcar um espaço reservado à escuta de uma monolítica verdade? Derivando dessas e demais interrogações correlatas, o presente artigo objetiva delinear o problema da subjetivação psicótica a partir da psicanálise freudo-lacanian. Estamos aqui empenhados em uma revisão bibliográfica e, portanto, sujeitos às limitações que lhes são características.

Na primeira seção de nosso trabalho, dedicar-nos-emos à construção de considerações sobre a questão das psicoses nos escritos de Sigmund Freud. Ao esboçarmos um conciso e não linear percurso entre os extremos de sua obra, objetivamos cingir as especificidades da subjetivação psicótica em suas relações com as vicissitudes conceituais empreendidas pelo autor. Trata-se aqui de um momento, a rigor, freudiano: contudo, permitir-nos-emos a realizar pequenas digressões. Primeiramente, versaremos sobre as elaborações freudianas concernentes ao paradigmático *Caso Schreber* e, alçados seus elementos fundamentais, articulá-los-emos a conceitos psicanalíticos edificados posteriormente. Enfatizaremos, em razão de sua pertinência, as elaborações metapsicológicas atinentes à noção de *narcisismo*: com este movimento, o problema da causação psicótica — a saber, a irrupção de um *desejo homossexual* seu mecanismo de defesa correlativo — será rearticulado e contraposto às noções de *Verleugnung* (dementido) e *Verwerfung* (rejeição). Neste sentido, partiremos de um período no qual as psicoses são concebidas analogamente às neuroses (atreladas, portanto, ao mecanismo do *recalque* e seus tempos lógicos distintos) e, assim, seguiremos rumo à constatação freudiana de que, afinal, há algo de substancialmente peculiar no que diz respeito à posição do psicótico ante o inefável da castração. Como será possível verificar, Freud não discorreu com precisão sobre esta peculiaridade, no entanto, seu legado forneceu a Jacques Lacan os elementos essenciais à realização desta empreitada.

Ao longo da segunda seção, destiná-los-emos à apresentação do problema das

psicoses a partir da clínica estrutural lacaniana¹; objetivamos, com este movimento, elucidar os avanços realizados pelo autor a partir das noções ensejadas por Freud. O estabelecimento do conceito de *foraclusão*² do *Nome-do-Pai* como operação determinante à psicose consistirá em nosso fio condutor. No decurso desta seção, abordaremos noções como as de *metáfora delirante* e *ponto de basta* antes por suas acepções psicanalíticas do que por suas dimensões referidas à Linguística. Neste momento, serão abordadas as especificidades do percurso singular traçado pelo psicótico do chamado simbólico — a *entrada na psicose* — à edificação da metáfora delirante como recurso para contenção do gozo do Outro.

Concluiremos, contudo, em um nada de conclusão: qual o lugar a ser sustentado pelo psicanalista em uma clínica das psicoses? Içando de nosso percurso bibliográfico uma importante interrogação, analogamente ao movimento pulsional, encerrá-lo-emos em nosso ponto de partida.

O RETORNO DESDE FORA A PSICOSE E SEUS MECANISMOS NOS ESCRITOS FREUDIANOS

DAS MEMÓRIAS DE UM DOENTE DOS NERVOS AO MECANISMO DA PARANOIA: RECALQUE E PSICOSE

Daniel Paul Schreber jamais frequentou o consultório de Freud. No entanto, seus escritos autobiográficos — publicados no ano de 1903 sob o título “*Memórias de um Doente dos Nervos*” —, ainda que apenas cerca de oito anos depois de editorados e distribuídos, alicerçaram as formulações psicanalíticas sobre os mecanismos inconscientes determinantes à paranoia. A análise empreendida por Freud a partir de um

¹Referimo-nos aqui à clínica fundamentada na produção de Lacan referente à década de cinquenta. Verifica-se neste período uma primazia do registro do Simbólico em relação ao Real e ao Imaginário e, concomitantemente, o posicionamento do significante paterno (*Nome-do-Pai*) como o operador fundamental à estruturação do sujeito.

²Hanns (1996) aponta que o termo *foraclusão* inexistia na Língua Portuguesa, consistindo em um aportuguesamento da palavra francesa *foraclusion*. Esta última, por sua vez, deriva do âmbito do jurídico e é correlata ao termo *preclusão* na Língua Portuguesa. Com Roudinesco e Plon (1998), podemos apreender que o termo *foraclusion*, oriundo do discurso jurídico, refere-se à caducidade de um direito em razão de seu não exercício em momento oportuno. Abordaremos a questão *foraclusão* e suas especificidades ao longo da segunda seção.

relato impresso, a princípio, causa-nos certo estranhamento: como pôde o psicanalista elevar os escritos de Schreber à dimensão de um caso *clínico*? Freud é categórico ao afirmar que os paranoicos apresentam a peculiaridade de, ainda que não sem distorções, revelar justamente aquilo que aos neuróticos constitui um segredo e que, em última análise, “[...] não podem ser impelidos a vencer suas resistências internas [...], de toda a forma, dizem apenas o que querem dizer [...]” (FREUD, 2010, p. 14)”. É com a justificativa de sua modalidade de apreensão da paranoia que Freud introduz as “*Observações Psicanalíticas Sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia (Dementia Paranoides)*”, publicadas originalmente em 1911.

De saída, é interessante que consideremos as circunstâncias referentes aos ditos *adoecimentos* de Schreber. Segundo o próprio, duas distintas moléstias se incidiram ao longo de sua vida. Como exposto por Freud (2010), Schreber apresenta seu primeiro adoecimento como correlato à sua candidatura ao *Reichstag* (parlamento). Neste período, o jurista ainda ocupava o cargo de diretor do Tribunal de Província em Chemnitz. Já o despertar da segunda doença é emparelhado à assunção da presidência da Corte de Apelação de Chemnitz. Dessa forma, Schreber aponta que ambas as doenças sobrevieram ao que chama de uma excessiva fadiga intelectual.

Demarcada como um episódio de hipcondria aguda por seu então médico, o Dr. Flechsig, diretor da Clínica Psiquiátrica da Universidade de Leipzig, a primeira doença de Schreber estendeu-se do outono de 1884 a meados do ano de 1885. Já a segunda enfermidade foi deflagrada ao findar-se o mês de outubro de 1893, caracterizando-se pela irrupção de fenômenos alucinatórios e culminando com a construção de um consistente sistema delirante (FREUD, 2010).

É diante de circunstâncias bastante específicas — circunstâncias estas que se desdobram em uma interrogação e, assim, acarretam em um impasse —, é ante a um chamado simbólico que o delírio advém como resposta àquilo que, a partir da organização subjetiva do psicótico, é impossível responder. No que consiste este chamado?

Cabe, antes, um exame sobre a interpretação freudiana dedicada às características essenciais do delírio schreberiano, a saber, a

transformação em mulher e a assunção do papel de *Redentor* da humanidade. No decurso da produção delirante, a ascensão de humano a *Redentor* ocorre em função do laço particularmente estreito que o jurista afirmou sustentar com Deus.

Schreber jamais negou a essência de seu delírio, mesmo ao mover petições judiciais visando à anulação da privação legal a ele imposta. Ainda assim, em 1902, como resultado de seu próprio empenho, recebeu decisão judicial favorável à alta. É àquilo que, mesmo após o sucesso de sua impetração, persiste como certeza, é àquilo que Schreber sustenta como irrevogável que Freud atribui o estatuto de delírio original; de gérmen do sistema delirante. Para Freud (2010), o delírio schreberiano primário versa sobre transformação em mulher que a ele se impõe e se faz iminente; assim, a assunção do papel de *Redentor* da humanidade, segundo o autor, apenas em um segundo momento vincula-se ao delírio inicial de emasculação. O delírio de perseguição sexual (ser transformado em mulher para fins contrários à *Ordem Das Coisas*) apenas posteriormente transfigura-se em delírio de grandeza religiosa.

Seguindo-se as formulações de Freud ao longo da primeira seção das *Observações*, é possível concluir que o inexorável da emasculação, inicialmente avaliado como uma grave injúria articulada pela *alma* do Dr. Flechsig, torna-se admissível a Schreber na medida em que se conforma à *Ordem do Mundo*. Ao deixar de vincular-se à morte de sua *alma*, assumindo neste momento o caráter de condição para o alcance da *beatitude* e redenção da humanidade, o inevitável da transformação em mulher é acatado e defendido obstinadamente por Schreber. Apresenta-se aí uma conciliação do jurista com o delírio de emasculação: a partir do destino conferido a seu delírio, o ex-presidente da Corte de Apelação acede ao papel de Mulher de Deus.

Na leitura freudiana das *Memórias*, o sistema delirante schreberiano, no que concerne à emasculação articulada por Flechsig (e, posteriormente, por Deus), representa a realização de uma *fantasia de desejo* anunciada preliminarmente à construção do delírio (FREUD, 2010). Trata-se aqui de um desejo correlato à ideia de que poderia ser bom submeter-se à cópula sendo uma mulher. De acordo com Freud (2010), esta ideia irrompeu-se em um momento anterior à assunção do cargo ao qual Schreber atribuiu

a fadiga intelectual causadora de sua segunda doença. Neste período, o jurista fora constantemente atormentado por sonhos relativos ao retorno de sua primeira enfermidade. É justamente entre o sono e a vigília que a fantasia feminina é tangenciada pela consciência. No percurso de suas investigações, o psicanalista infere que a postura feminina moldada pelo delírio de Schreber diria respeito ao diretor da Clínica de Leipzig desde o princípio. Esta inferência diz respeito àquilo que constituirá o eixo central da leitura freudiana sobre a paranoia. No curso de suas observações, Freud atribui à figura de Flechsig um papel essencial na construção delirante, articulando-a ao Deus perseguidor e, em última instância, ao complexo paterno schreberiano.

Podemos, a partir de então, apreender a formulação basilar que localiza a irrupção de uma *fantasia de desejo* homossexual na origem do sistema schreberiano: o delírio persecutório é, a partir do exame dedicado por Freud às *Memórias* de Schreber, compreendido como decorrente de uma reação de defesa a um desejo homossexual que, em última análise, desponta-se em virtude de uma frustração da satisfação sexual decorrente da realidade³ (FREUD, 2010).

Ao longo da produção delirante, de acordo com as constatações de Freud (2010), a figura de um Flechsig exponencialmente fragmentado é substituída pela influência superior de Deus. Este movimento, apesar de aparentemente incorrer em situações conflituosas ainda mais intensas, aponta para a solução do impasse decorrente da inevitável eviração. Assim, uma vez que favorável à *Ordem das Coisas*, a emasculação faz-se aceitável, ao tempo em que o Eu é compensado pelo arranjo da megalomania. Nas palavras do autor: “Se era impossível conciliar-se com o papel de mulher fácil perante o médico, não encontra a mesma resistência do Eu a tarefa de conceder ao próprio Deus a volúpia⁴ que ele pede (FREUD, 2010, grifo nosso)”.

³Em relação a isto, Freud explicita: “Ora, o próprio Schreber admite uma tal privação. Seu casamento, de resto apresentado como feliz, não lhe trouxe a benção de filhos, principalmente a de um filho homem [...], sobre o qual pudesse verter a afeição homossexual insatisfeita (FREUD, 2010, p. 77)”.

⁴“Na fase final do delírio de Schreber, o impulso sexual infantil tem grande triunfo; a volúpia torna-se temente a Deus [...] (FREUD, 2010, p. 74-75)”. Adiante, será possível identificar que, como propõe Colette Soler (2007), o delírio descreve uma operação contrária à da metáfora paterna no que diz respeito ao gozo (implicando-se a este termo sua acepção lacaniana). Isto porque, referida à problemática edípica, a metáfora paterna esvazia o gozo do lugar do Outro e, evidentemente, não é o que se verifica no trabalho delirante schreberiano. Para ele, o Outro existe

Após empreender suas tentativas de interpretação que, em essência, configuram-se pela introdução do complexo paterno como elemento central à produção delirante e, ainda, esteiam a constatação de que o delírio escancara elementos da sexualidade concernentes ao desenvolvimento libidinal regular, Freud parte para a elucidação dos mecanismos psíquicos específicos à paranoia. Visando a esclarecer seus fatores predisponentes, Freud recorre à sua teoria do desenvolvimento psicosssexual: os mecanismos das psicoses são, neste momento, ilustrados como análogos àqueles determinantes às neuroses. Esta aproximação entre neurose e psicose evidencia-se na nosologia adotada preliminarmente à introdução da segunda tópica, quando da formalização do conceito de *narcisismo*: às neuroses *transferenciais* contrapõem-se iam as neuroses *narcísicas*.

Na teoria psicanalítica, o recalque consiste em uma operação psíquica passível de decomposição em três distintos momentos lógicos. O recalque original remonta eminentemente à possibilidade de fixação libidinal facultada ao longo do desenvolvimento psicosssexual. A fixação, neste sentido, representa uma inibição no desenvolvimento da libido que a condiciona a um estágio infantil. Freud (2010) localiza nessas fixações a predisposição referente aos adoecimentos psíquicos que se desdobram na vida adulta e, ainda, confere ao recalque original a determinação do desfecho da terceira fase do recalque, a saber, o retorno do recalcado.

Neste sentido, o fracasso do recalque — caracterizado por uma irrupção deformada do material relegado anteriormente ao inconsciente —, compreendido como uma regressão da libido aos pontos de fixação constituídos ao longo do desenvolvimento psicosssexual, no que diz respeito à paranoia, atrelar-se-ia a uma fixação libidinal no estágio do *narcisismo*; estágio este situado entre o *autoerotismo* e o *amor objeto*. Isto remete-nos à formulação de que, após lograr uma unificação das pulsões sexuais (até então empregadas parcial e autoeroticamente), o indivíduo elege a si mesmo como seu primeiro objeto de amor (FREUD, 2010).

A partir dessa proposição teórica, o psicanalista define que o recalque propriamente dito, na paranoia, consiste “num desprender-se

como um lugar ao qual o gozo é reintegrado; Schreber é objeto de gozo de Deus, forçado a pensar ininterruptamente e a atender a contínua requisição de *volúpia*.

da libido em relação a pessoas e coisas antes amadas (FREUD, 2010, p. 94)". Neste sentido, o delírio pode ser explicado como um processo de cura que, engendrado por forma a reconduzir a libido àquilo que por ela foi abandonado, indicaria o movimento da terceira fase do recalque. Deste modo, qual seria o destino da libido que se desprende dos objetos? Freud (2010) assevera que, na paranoia, presentifica-se um retrocesso libidinal ao Eu que, como consequência última, provoca sua estase:

Lembramos que a maioria dos casos de paranoia exhibe algum delírio de grandeza, e que o delírio de grandeza por si só pode constituir uma paranoia. Disso inferimos que na paranoia a libido liberada se volta para o Eu, é utilizada para o engrandecimento do Eu. Com isso atinge-se novamente o estágio do narcisismo, conhecido no desenvolvimento da libido, no qual o próprio Eu era o único objeto sexual. Por causa desse testemunho clínico supomos que os paranoicos trazem uma *fixação no narcisismo*, e dizemos que o *recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo* indica o montante da *regressão* característica da paranoia (FREUD, 2010, p. 96, grifo do autor).

É desta forma que o autor elucida a veemente convicção de Schreber relativa à iminência de uma catástrofe mundial. "O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interior; seu mundo subjetivo acabou, depois que retirou dele o seu amor (FREUD, 2010, p. 93)". A vivência do *crepúsculo da humanidade* (a *fantasia de fim do mundo*), a partir da apreensão freudiana das *Memórias*, indica a operação do recalque propriamente dito; já a relação sexualizada estabelecida entre Schreber e Flechsig — e, posteriormente, entre Schreber e Deus — demarca um trabalho que objetiva à cura⁵; trabalho este que se realiza pela via da projeção: trata-se aqui do processo *ruidoso* na paranoia.

Mais adiante, ainda no *Caso Schreber*, verifica-se uma sutil (contudo, notável) subversão das soluções até então propostas. O autor, neste movimento, sugere: "Não foi correto dizer que a sensação interiormente *suprimida* é projetada para fora; vemos, isto sim, que aquilo *interiormente cancelado* retorna a *partir de fora* (FREUD, 2010, p. 95, grifo nosso)". É toda a

problemática do movimento libidinal que aqui se coloca. Ainda que, neste momento, a teoria do recalque tenha fundamentado as elaborações freudianas sobre as psicoses, fica já evidente que o mecanismo sobre o qual o autor versava em muito divergia daquele determinante às neuroses.

O NARCISISMO, A PROBLEMÁTICA HOMOSSEXUAL E A REJEIÇÃO DA REALIDADE: AS PSICOSES NA SEGUNDA TÓPICA FREUDIANA

Posteriormente à elaboração das *Observações* sobre o Caso Schreber, em seu artigo dedicado à conceituação do termo *narcisismo* — trata-se aqui de um trabalho publicado no ano de 1914 —, Freud introduz a noção de *libido do eu* em contraposição à noção de *libido objetal*, demarcando uma distinção entre os processos neuróticos e psicóticos a partir dos destinos conferidos à energia sexual. Neste contexto, a unidade constituída pelo Eu (que, como tal, não se faz presente nos primórdios do desenvolvimento) aparece tomada como um objeto investido pela pulsão sexual. O referido trabalho, para além de indicar "o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego (FREUD, 2006a, p. 85)", enseja uma discussão que ecoaria, mais tarde, na formulação da segunda tópica freudiana (e, certamente, na introdução do segundo dualismo pulsional). Das considerações teóricas acerca das instâncias psíquicas, por sua vez, decorreria uma nova possibilidade de distinguir a gênese das neuroses e psicoses. Dedicar-nos-emos a este tópico posteriormente.

Em *Sobre o narcisismo: Uma Introdução*, Freud (2006a) indica que o fenômeno da megalomania deriva de uma dissolução das catexias objetais, constituindo-se como o domínio psíquico do processo de remanejamento da libido ao eu. Esta regressão libidinal que "dá margem a uma atitude [...] denominada de narcisismo (FREUD, 2006a, p. 82)" não é caracterizada como um processo *primário*. Haveria, portanto, um investimento original da pulsão sexual destinado ao eu.

Ao dedicar-se à conceituação do narcisismo, Freud depara-se inevitavelmente com o problema da transposição do narcisismo primário — movimento este concernente ao desenvolvimento psicosssexual regular — e, assim,

⁵"O que consideramos produto da doença, a formação delirante, é na realidade uma tentativa de cura, reconstrução (FREUD, 2010, p. 94, grifo do autor)".

propõe-se a abordá-lo a partir das implicações da coerção destinada pela instância parental às atividades sexuais das crianças: trata-se aqui da introdução do *complexo de castração* nas investigações sobre a intrincada correlação entre libido narcísica e libido objetal. Se Freud faz derivar o recalque do amor-próprio do eu, ou seja, condiciona-o à formação de um ideal, implica neste *Ideal do Eu* a recuperação do narcisismo original perdido. Nas palavras de Freud, “[...] [os] impulsos instintuais libidinais sofrem a vicissitude da repressão patogênica se entram em conflito com as *ideais culturais e éticas do indivíduo*. A repressão [o recalque], como dissemos, [...] provém do amor-próprio do ego (FREUD, 2006a, p. 100)”.

Em *Sobre o Narcisismo*, Freud reconhece e atribui a existência de um agente psíquico especial, agente este destinado à fiscalização do eu com o intento de certificar a satisfação narcísica articulada ao *Ideal do Eu*, tanto às doenças psíquicas quanto ao funcionamento mental regular. Nas ditas neuroses narcísicas — é sob esta designação nosográfica que Freud, neste momento, concebe as psicoses — este agente de censura atua como uma influência hostil proveniente de fora. Para Freud (2006a, p. 102), “os delírios de estar sendo vigiado apresentam esse poder [do agente censor] numa forma regressiva”.

Retomemos o *Caso Schreber*: o que se evidencia nas *Observações* de Freud é, eminentemente, a delegação das origens da paranoia a uma recusa destinada à escolha objetal homossexual. O paranoico defende-se de uma escolha de objeto homossexual (ou melhor, da irrupção de uma *fantasia de desejo* homossexual) e, a partir daí, o delírio provê a satisfação deste desejo, ainda que sob as condições das resistências; ou seja, implica-se uma deformação, assim como a satisfação alcançada pelos sonhos.

A formalização do conceito de *narcisismo*, no entanto, parece aclarar a questão da homossexualidade nas psicoses — ou, mais especificamente, na paranoia — em suas relações com os processos de identificação fundamentais à formação de um ideal. Uma possível causação da paranoia é, neste sentido, localizada no plano de uma frustração da satisfação narcísica vinculada àquilo que Freud designou *del Ideal do Eu*. Trata-se aqui de uma frustração que libera a libido homossexual até então satisfeita por meio

da manutenção deste ideal⁶ (FREUD, 2006a). De qualquer forma, com Freud, a problemática da homossexualidade na paranoia ganha o estatuto de uma questão central que, ainda assim, traz consigo alguns pontos obscuros.

Prossigamos: no *Caso Schreber*, o autor destaca: “Supomos que as pessoas que depois [na vida adulta] se tornaram *homossexuais manifestos* nunca se libertaram da exigência de o *objeto ter genitais como os seus* (FREUD, 2010, p. 81, grifo nosso)”⁷. Em *Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância*, trabalho publicado ano de 1910, Freud aborda a homossexualidade — ou, antes, determinado *tipo* de homossexualidade — como atrelada a uma escolha narcísica de objeto. Trata-se aqui de um tópico com o qual o autor ocupar-se-ia novamente em *Sobre o Narcisismo*, opondo a escolha objetal anaclítica à escolha objetal narcísica. Nesta perspectiva, a homossexualidade é compreendida em suas relações com o processo de identificação à figura materna ainda preservada em seu aspecto fálico; ou seja, compatível com o órgão sexual masculino. Neste sentido, “[...] ele [o amor pela mãe] *sucumbe à repressão*[ao recalque]. O menino reprime seu amor pela mãe; [...] identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor (FREUD, 2006c, p. 106)”. A conceituação de uma *Verleugnung*⁸ como mecanismo particular à posição do perverso na partilha dos sexos, ausente quando da produção de seu trabalho sobre Da Vinci, seria articulada por Freud apenas a partir de 1927. Não cabe, aqui, uma discussão mais apurada sobre este tópico: contentar-nos-emos em situar a escolha objetal homossexual, tanto na perversão quanto na neurose, como referentes a uma problemática edípica.

Na *Edição Standard Brasileira das obras de Freud*, os termos *Verleugnung* e *Verwer-*

⁶Neste sentido, Cabas (1988) aponta que, como herdeiro do Complexo de Édipo, o supereu vem a apoiar como “muleta” o corpo narcísista. Na paranoia, contudo, embora não ocorra a inscrição da castração do Outro, estão presentes estruturas do tipo Eu Ideal, Ideal do Eu e Supereu: contudo, na ausência do advento de um referente, estas estruturas consistem em perigosas ortopedias. Segundo o autor, na paranoia, o supereu pode ser comparado a uma “[...] inútil coluna, um pilar que não sustenta nada, ou que em todo caso derruba com seu peso a precária construção que pretende sustentar (CABAS, 1988, p. 52)”.

⁷A sexualidade infantil não se apresenta sob o primado do genital, mas sim, como aponta Freud (2006b), localiza-se sob o primado do *falo*: o mesmo genital — o masculino — é atribuído para ambos os sexos.

⁸Termos correlativos na língua portuguesa: rejeição, desmentido ou renegação.

fung recebem uma mesma tradução: *rejeição*. Em seu trabalho *A Divisão do Ego no processo de defesa*, Freud (2006d) retoma o fetichismo (ou, vale dizer, a perversão) por forma a situá-lo como decorrente de uma *rejeição* (*Verleugnung*); de um afastamento da realidade que, como consequência, implica em uma modificação no Eu — trata-se aqui de uma divisão; de uma clivagem (*Ichspaltung*). No entanto, ainda que atrelada a um parcial afastamento da realidade em virtude da manutenção da satisfação pulsional, implica-se na estrutura perversa um elemento que a difere categoricamente da psicose e, neste sentido, a irrupção de uma *fantasia de desejo homossexual* não pode equivaler à homossexualidade como concebida na perversão e na neurose. Nestas últimas, trata-se de uma escolha objetual em conformidade com a identidade sexual do sujeito.

Há algo que, na psicose, não se inscreve: prescreve. No entanto, retorna. Lacan é quem irá teorizar sobre o estatuto e os efeitos desta prescrição, circunscrevendo, inclusive, a operação já entrevista por Freud como *uma nova ação psíquica* essencial à transposição do caos — o *autoerotismo* — ao estágio do narcisismo. A partir dos estudos de Lacan, a homossexualidade na paranoia não é sobrepujada, mas sim, deslocada do lugar de causação e situada como um dos possíveis efeitos da subjetivação psicótica. Lidamos aqui de com um tópico importante na medida em que, inevitavelmente, correlaciona-se àquilo que será estabelecido como a fundação da psicose; como o acidente primordial que os remete à clínica estrutural lacaniana.

Retomemos o problema da *Ichspaltung*: no artigo póstumo *Esboço de Psicanálise*, Freud estende sua incidência do campo da perversão e da psicose às neuroses, evidenciando que, em última análise, no cerne deste fenômeno, localiza-se o inexorável do encontro com a castração. Na *rejeição* (*Verleugnung*) da realidade — *rejeição da castração da mãe, concernente à subjetivação perversa* —, “[o paciente] Nega, portanto, a sua própria percepção sensorial, que lhe mostrou que falta um pênis aos genitais femininos, e aferra-se à convicção contrária (FREUD, 2006e, p. 216)”. Com a eleição do objeto fetiche, elide-se a angústia de castração⁹. Parece, aqui, haver um contrapeso entre a *rejeição da realidade*

e sua consideração: é justamente a sustentação de duas premissas contrárias que configura o fenômeno designado por Freud de *divisão do Eu*. Verificamos que, também na psicose, o que se opera é uma *rejeição da realidade*; presentifica-se, portanto, uma *divisão no Eu*¹⁰. Neste sentido, é possível que deleguemos as origens da psicose ao mecanismo de *Verleugnung*?

Uma série de ambiguidades e imprecisões são desfeitas se considerarmos o termo *desmentido* como mais adequado à designação em português da *Verleugnung* freudiana. Reservemos à psicose a noção de *Verwerfung*, a qual sinaliza uma *rejeição categórica* que demarca a construção anômala daquilo que Freud designou de *Ideal do Eu* — e, conseqüentemente, de seu respectivo agente, o *supereu* —; *rejeição* esta que delimita, também, um problemático posicionamento do sujeito diante da diferença sexual.

Ao que, afinal, destina-se a *rejeição* característica à psicose? Freud dedica dois escritos especificamente a esta questão. É importante que os abordemos na medida em que, a partir das concepções nele esboçadas, far-se-á possível que nos interroguemos sobre uma possível função do analista em uma clínica psicanalítica das psicoses.

Em *Neurose e Psicose*, texto redigido por Freud no ano de 1923, é possível localizar formulações atinentes ao problema das especificidades genéticas dos distúrbios neuróticos e psicóticos: o referido trabalho é constituído por forma a situar as neuroses e psicoses em relação à segunda tópica freudiana e, neste movimento, as manifestações neuróticas são compreendidas como decorrentes de um conflito entre as instâncias psíquicas do *Eu* e do *Isso*. Já as psicoses, em contrapartida, têm sua origem conferida a um conflito entre a instância psíquica do *Eu* e o mundo externo. Desta forma, estes apontamentos vislumbram a questão do diagnóstico diferencial e, também, corroboram com a asserção de que o delírio constitui-se como um processo que se superpõe a um afastamento da realidade: consiste, pois, em uma tentativa de

⁹A criação do fetiche foi devida a uma intenção de destruir a prova da possibilidade de castração, de maneira a que o temor desta possa ser evitado (FREUD, 2006e, p. 216).

¹⁰Freud, no *Caso Schreber*, ao elucidar a paranoia a partir do mecanismo do recalque, abordou uma questão que, ao que nos parece, permaneceu ao longo de sua produção: pode-se falar em uma perda total da realidade na psicose? Nas *Observações*, a questão da perda parcial ou completa da realidade acaba por esbarrar no problema da correlação entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação (do eu) e, no *Esboço de Psicanálise*, Freud (2006e) assevera que, mesmo em estados severos, é possível verificar uma consideração para com a realidade. O desligamento do mundo externo, assim, seria parcial.

recuperação. Há aqui em jogo uma nova perspectiva nosográfica, evidenciada pelo título do artigo.

Freud aponta que tanto os distúrbios neuroticos quanto psicóticos estão atrelados a não satisfação das exigências pulsionais, no entanto, a modalidade do conflito é bastante distinta: a qual senhor o Eu se submete? A psicose, afirma Freud, é decorrente de uma séria e intolerável frustração de um desejo por parte da realidade que, assim, implica um recuo diante desta e uma posterior tentativa de restabelecimento; restabelecimento este que se constitui por meio do trabalho delirante. O autor aborda que este remodelamento é regido de acordo com os princípios do *Isso*: o mesmo *Isso* ao qual o Eu sucumbiu e, assim, afastou-se da realidade (FREUD, 2006f).

Assim, para Freud, a perda da realidade não é concebida como uma característica exclusiva às psicoses; no entanto, há uma distinção concernente às características do processo. Nas neuroses, a restrição se dirige a um fragmento da realidade, ao tempo em que, nas psicoses, há o despontamento de um processo categórico e radical de remodelamento. A neurose acaba por *ignorar* um fragmento de realidade, ao passo em que a psicose o *repudia*; *rejeita* (FREUD, 2006g). O delírio, nesta perspectiva, é aplicado justamente no ponto em que se dissociou a relação do *Eu* e do mundo externo; ou seja, situado como um remendo no ponto em que apareceu uma fenda na relação entre o *Eu* e a realidade exterior, a produção delirante é caracterizada como um movimento no sentido da estabilização (FREUD, 2006g).

Quanto mais Freud avança em suas investigações acerca do psiquismo humano, mais o conceito de recalque parece não abranger satisfatoriamente as especificidades da subjetivação na psicose. Se há algo que o psicótico rejeita, isto não o exime de seu retorno, insistência e, sobretudo, da enigmática interrogação correlativa ao fenômeno. Na medida em que comporta um deslocado fragmento de história, ao delírio poder-se-ia ofertar uma escuta psicanalítica? Que escuta seria essa?

Após a introdução de seu segundo dualismo pulsional, em *Construções em Análise*, texto publicado no ano de 1937, Freud demarca novamente seu posicionamento diante dos processos psicóticos, reconhecendo no delírio um fragmento de verdade histórica. Ao que nos parece, este reconhecimento há muito se encontrava

implícito em sua apreensão das psicoses. A partir da concepção de que, assim como na neurose, presentificam-se na psicose conflitos infantis, desponta-se uma possibilidade referente ao tratamento psicanalítico da psicose. Segundo Freud (2006h, p. 286): “Esse trabalho consistiria em libertar o fragmento de verdade histórica de suas deformações e ligações com o dia presente real, e em conduzi-lo de volta para o ponto do passado a que pertence”. Ainda que fadada ao insucesso, Freud reconhece algo de significativo em uma oferta da escuta psicanalítica ao psicótico: “Acredito que adquiriríamos um grande e valioso conhecimento a partir de um trabalho desse tipo com psicóticos, mesmo que não conduzisse a nenhum sucesso terapêutico (FREUD, 2006h, 286)”. Embora pareça recuar diante de uma clínica das psicoses, Freud jamais deixa de reconhecer sua importância no que diz respeito à edificação do saber psicanalítico.

A guisa de conclusão de seu artigo *Construções em Análise*, Freud (2006h) aborda o delírio como um processo análogo às construções realizadas no curso de um tratamento psicanalítico: assim como as estas, que implicam a recuperação de um fragmento de uma experiência perdida, os delírios comportam uma verdade histórica; consistem em tentativas de explicação e de cura. Contudo, apenas substituem o fragmento de realidade rejeitado: o mecanismo da *projeção*, neste sentido, como já afirmava Freud nas *Observações Adicionais sobre as Neuropsicose de Defesa*, impossibilita o reconhecimento por parte do sujeito de algo que a ele concerne. Esta proposição corrobora com o que assinalou Lacan (2008, p. 21), referindo-se à afirmação de que, na psicose, o inconsciente encontrar-se-ia a céu aberto: “A se supor que alguém possa falar numa língua que lhe seja totalmente ignorada, diremos que o sujeito psicótico ignora a língua que ele fala”.

Expusemos anteriormente uma afirmação de Freud com o objetivo de resumir sua apreensão dos mecanismos da paranoia quando da elaboração das *Observações*, mecanismos estes que foram concebidos a partir da teoria do recalque e do retorno do recalado, implicando-se a *projeção* na formação dos *sintomas* paranoides. Para concluirmos esta segunda seção, é pertinente que exponhamos a leitura de Lacan do já mencionado parágrafo das *Observações*:

Eis em que termos Freud se exprime:

Não é correto dizer que a sensação interiormente reprimida [...] é projetada de novo para o exterior — isto é, o recalcado e o retorno do recalcado. Mas antes devemos dizer que o que é rejeitado — vocês se lembram talvez do acento de insistência que o uso pôs nessa palavra — volta do exterior (LACAN, 2008, p. 59).

O que, afinal, *volta do exterior*? Para Lacan (2008, p. 60), na psicose, “[...] a projeção [...] é o mecanismo que faz voltar de fora o que está preso na *Verwerfung*, ou seja, o que foi posto fora da simbolização geral que estrutura o sujeito”. Sustemos algumas interrogações ainda há pouco abordadas: afinal, a que se refere o *re-púdio* determinante à psicose? No que consiste a perda da realidade que lhe é característica? Examinemos mais demoradamente estas questões a partir da produção teórica de Jacques Lacan.

O RETORNO NO REAL: A SUBJETIVAÇÃO PSICÓTICA NA CLÍNICA ESTRUTURAL LACANIANA

DA REJEIÇÃO DE UM SIGNIFICANTE PRIMORDIAL: A FORACLUSÃO

É certo que não há *Verwerfung* nos escritos de Freud tal como há no ensino de Lacan. É o psicanalista francês quem, ao abordar o problema, admite: “[...] Freud afinal de contas não fala disso muitíssimas vezes, e fui pegá-la nos dois ou três cantos onde ela se deixa surpreender, e mesmo algumas vezes ali onde ela não se deixa [...]” (LACAN, 2008, p. 177). O mecanismo de rejeição de um significante primordial é concebido eminentemente a partir do grande texto *O Homem dos Lobos*; mecanismo este que, como já asseverado por Freud, qualifica-se como a *nada querer saber da castração — mesmo no sentido do recalque*¹¹. Em seu retorno aos escritos freudianos, Lacan delega à *Verwerfung* o estatuto de uma noção basilar à teoria do sujeito, erigindo com este movimento os alicerces teóricos para uma clínica psicanalítica das psi-

coses. Partiremos, portanto, das considerações lacanianas acerca do problema que aqui se apresenta: a estruturação subjetiva.

Para Lacan, como elemento fundamental ao processo de subjetivação, figura uma admissão primordial concernente ao registro do Simbólico; há uma *Bejahung*¹² primeira que pode ou não se realizar. A *Bejahung* faz algo existir para o sujeito, concernindo ao que Freud assinalou como juízo de atribuição e determinando uma oposição primitiva entre um “interno” e um “externo”; “dentro” e “fora”. Lacan, com o conceito de *Bejahung*, de acordo com Sales (2007), refere-se “ao momento mítico de uma afirmação originária relacionada a um primeiro juízo de atribuição que separou o real [...] de tudo aquilo que pode vir a fazer parte de cadeias significantes inconscientes”.

Ao discorrer sobre o mito das origens do sujeito, em um primeiro momento de seu ensino, Lacan versa sobre uma rejeição primordial correlata à subjetivação psicótica que, de saída, é apresentada como uma não-*Bejahung*. Neste sentido, assevera que “[...] tudo o que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real (LACAN, 2008, p. 21)”. Esta operação é, evidentemente, distinta daquela que às neuroses é determinante. É por meio da noção de *Verwerfung* que, posteriormente, Lacan irá forjar a foraclusão do significante Nome-do-Pai como mecanismo estruturante à psicose. É à incidência desta foraclusão que se remetem as singularidades da relação do psicótico com a linguagem, na medida em que, configurando-se como uma prescrição, dela sobrevém o arraso; a não conservação do representante da falta.

Quanto à *Bejahung* original, alerta-nos Lacan (2008), não podemos situá-la como um ponto específico do desenvolvimento: trata-se, antes, de um processo que corresponde à exigência de que se faz necessário um momento de origem para a simbolização. Neste sentido, a rejeição de um significante primordial em trevas exteriores remonta justamente a “[...] um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante (LACAN,

¹¹Quanto a isto, Lacan (2008, p. 177) assevera: “A respeito da *Verwerfung*, Freud diz que o sujeito não queria nada saber da castração, mesmo no sentido do recalque. Com efeito, no sentido do recalque, sabe-se ainda algo daquilo de que nem mesmo não se quer, de uma certa maneira, não saber [...]. Se há coisas de que o paciente não quer nada saber, mesmo no sentido do recalque, isso supõe um outro mecanismo”.

¹²As questões relativas ao problema da *Bejahung* e suas operações correlatas são extraídas por Lacan do texto freudiano “A negativa”. O psicanalista, quando das discussões sobre o tema, corrobora com a tradução proposta pelo filósofo Jean Hyppolite da *Verneinung* freudiana: o termo mais coerente seria *denegação* e não *negação* ou *negativa*. De acordo com Luiz Hanns (1996), a palavra equivalente à *Bejahung* na língua portuguesa é *Afirmção*.

2008, p. 178)”. É o ingresso no Simbólico que, neste passo, não sobrevém.

A *Bejahung*, contudo, comporta uma concomitante operação que, essencialmente, constitui seu avesso: se a afirmação primordial diz respeito a uma admissão no sentido do simbólico, implica-se neste movimento uma expulsão correlativa — *Ausstossung*¹³ —; expulsão que funda um campo o qual, delineado pelo rechaço, apresenta-se como o impossível em razão de estar para sempre perdido (JACINTO; COSTA, 2013). A *Ausstossung*, assim, no ensino lacaniano, remonta a uma expulsão mítica que estaria nas origens do registro do Real.

A partir da constituição do “dentro” e do “fora” remetidos por Freud àquilo que designa de juízo de atribuição, pode-se pensar acerca das intersecções entre os registros do Real e do Simbólico, na medida em que Lacan conceberá a *Bejahung* em suas relações com a fundação do inconsciente. Solal Rabinovitch (2001) aponta que, em um primeiro momento da produção lacaniana sobre a referida questão, verifica-se uma problemática identificação entre *Ausstossung* e *Verwerfung*. Lacan, contudo, não se orienta posteriormente nesta direção. Dessas equivalências — a *Verwerfung* é uma não-*Bejahung*; seu avesso — apreende-se que, com o advento da rejeição primordial, não resta marca simbólica alguma: assim, a alucinação irromper-se-ia em um “Real não simbolizado”. A operação da *Ausstossung*, portanto, situada ao mesmo nível da *Verwerfung*, seria produtora de um Real equivalente àquele determinado por esta última? Real que, de antemão, está ali e recebe o que se destina à *Ausstossung/Verwerfung* ou que, ao contrário, é produto daquilo que do simbólico é cerceado? Rabinovitch (2001, p. 30-31), diante desta e demais interrogações pertinentes ao tema, com vistas ao esclarecimento das especificidades destes dois conceitos, apresenta:

[...] se a *Verwerfung* era de início equivalente a uma não *Bejahung* de um significante primordial [...] ela se distingue pouco a pouco da *Ausstossung* mais primordial, que separa o Outro da Coisa, enquanto expulsão do real e constituição do primeiro exterior. Agora, parece claro que a *Ausstossung* se refere ao real e que a *Verwerfung* se refere a um fragmento da bateria significante introduzida no

sujeito pela *Bejahung*.

Dessa forma, no decurso do ensino lacaniano, a *Verwerfung* aparece como uma operação secundária àquela da *Bejahung-Ausstossung*, concernindo especificamente à subjetivação psicótica. Falamos aqui, portanto, da elisão do significante *Nome-do-Pai* que, acarretando na não realização da metáfora paterna, determina a posição singular do psicótico diante da diferença sexual e, conseqüentemente, termina por lançá-lo a um percurso sinuoso e errante.

Afora demais discussões teórico-conceituais relativas ao mito das origens do sujeito, devemos assinar que, abordar uma “não-*Bejahung*” como concernente à psicose é, com efeito, apontar para o acidente que funda sua estrutura¹⁴. Neste sentido, como aclarado por Cristine Lacet (2004), à *Bejahung* implica-se o consentimento de que a palavra não é coisa; ou seja, diz respeito a uma admissão no sentido do Simbólico da qual as dimensões que atestam a ambiguidade fundamental da linguagem¹⁵ são derivadas. Assim, o que não ocorre na subjetivação psicótica é o acesso ao Simbólico como registro que comporta as leis de alternância e equívoco da cadeia significante. O que falha é, em seu lugar de lei de simbolização, o Édipo: não há, conseqüentemente, a circunscrição simbólica da falta no Outro.

É a carência da intervenção de um terceiro em uma relação fundamentalmente dual que acarreta na fixação do psicótico como objeto falta-a-ser da mãe, determinando a não inscrição do falocoma baliza de sua existência. A ausência da lógica fálica, portanto, demarcada pela não incidência da metáfora paterna, exclui do psicótico o centro de gravitação comum à neurose e à perversão: o que está ausente é o

¹³A *Ausstossung* freudiana pode ser satisfatoriamente traduzida pelo termo “exclusão”, distinguindo-se assim da tradução destinada à *Verwerfung* (rejeição; repúdio).

¹⁴Nos *Escritos*, em seu artigo *De uma questão preliminar [...]*, Lacan define a *rejeição* psicótica que, acarretando em uma fragilidade estrutural, justifica as especificidades do *surto* psicótico: “A *Verwerfung* será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que [...] é chamado o Nome-do-Pai, pode-se responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica (LACAN, 1998, p.564)”

¹⁵Lacan (2008) sinaliza que, como consequência do Édipo, instauram-se os registros da *Verdichtung*, *Verdrängung* e *Verneinung*. O primeiro se refere ao mal-entendido inerente à linguagem e à possibilidade de ocupação de dois lugares simbólicos opostos. O segundo diz respeito à operação do recalque e seu retorno correlato (no Simbólico) como sintoma neurótico, enquanto o terceiro concerne ao que é passível de vir a tona por uma via articulada; diz respeito à *denegação*, processo ao qual se supõe uma suspensão do recalque que permite uma veiculação intelectual do recalcado.

falo como partilha e alinhamento dos sexos (em sua vertente simbólica) e como objeto de desejo do Outro (em sua vertente imaginária), expõe Lacet (2004).

Há na subjetivação psicótica, portanto, uma *refratariedade* ao Édipo, o que não implica a possibilidade de abordar-se o problema das psicoses sem invocá-lo. A *Verwerfung* remonta à abolição da castração; abolição simbólica que implica no não advento da Lei que funda a ordem significante e que, portanto, resulta na impossibilidade de sustentação do duplo sentido inerente ao registro do Simbólico (CABAS, 1988). Assim, os *fenômenos elementares* demarcam a modalidade peculiar do emprego psicótico da linguagem, evidenciando o funcionamento autônomo do significante e a ruptura deste com a dimensão do significado. Isto porque o atrelamento entre significado e significante decorre da incidência da metáfora paterna, consistindo em uma articulação que possibilita a construção de sentidos a uma fala — sentidos estes que se estabelecem retroativamente e podem ser compartilhados. Trata-se de uma articulação que, referida àquilo que Lacan chama de *point de capiton*, como agora já nos parece evidente, não advém com sucesso na estrutura psicótica¹⁶ (HERRMANN, 2004).

O significante paterno remete, pois, à instauração da falta no Outro e ao consequente ingresso do sujeito na legalidade de seu desejo. Cabas (1988) apresenta que, da carência do significante paterno no Outro — ou seja, de sua não veiculação ao nível da função materna — decorre a tomada da criança no desejo da mãe como referente único e, portanto, a ela é resguardado o lugar de tampão; de sutura: eis o engessamento do psicótico como objeto falta-a-ser da mãe. Falamos aqui de um fechamento, de uma resolução a dois e, portanto, estamos no registro do Imaginário.

Qual é o marco que, ao antecipar à criança uma maturidade que ainda lhe é estranha (operação que traz consigo o júbilo da imagem), possibilita a transposição do caos, da completa fragmentação — do *autoerotismo*?

Referimo-nos aqui ao estádio do espe-

lho¹⁷ em sua dimensão constitutiva ao sujeito; dimensão esta que deixa sua assinatura na alienação psicótica e evidencia-se na paranoia. Isto porque, na psicose, a Outra cena é impressa nas relações com o outro, o semelhante imaginário que, correlato à instância do Eu, manifesta-se como um *Outro sem lei* do qual o sujeito não é separado (QUINET, 2006).

Falar em uma Alteridade *sem lei* remete-nos à constatação de que, condicionada a instituição do inconsciente ao Outro do discurso e do desejo, da não inclusão do significante Nome-do-Pai em seu campo sobrevém, como alternativa inefável, o alicerçamento no registro do Imaginário. Neste estado de coisas, o estádio do espelho refere-se antes ao sepultamento do sujeito do que a uma operação intermediária que proveria o acesso ao Simbólico e, consequentemente, à lógica fálica (CABAS, 1988).

É em razão disto que à psicose pode-se atribuir uma refratariedade à Lei, na medida em que, como ensinado por Lacan (2008), o complexo de Édipo indica que a relação imaginária — eminentemente conflituosa e incestuosa nela mesma — está fadada à ruína. É no plano da alienação especular fixada pelo estádio do espelho que se concretiza (ou não) a interposição de um terceiro. Trata-se aqui de uma interdição da ordem da palavra; simbólica, portanto: a Lei atrelada àquilo que se chama o pai.

Na medida em que o significante foracuído é aquele capaz de produzir um *ponto de basta*, metaforizando um significante anteriormente inscrito, o que há na psicose é justamente a ausência de metáfora. *Metaforizar* é tornar possível um princípio de estabilização; ou seja, é fazer emergir um ponto de parada no deslizamento do significado sobre o significante. Dessa forma, o advento da significação fálica remonta à substituição metafórica operada pela oposição do Nome-do-Pai (S2) ao significante do Desejo da Mãe (S1). A incidência da metáfora paterna diz respeito à separação efetuada no âmbito da

¹⁶Neste sentido, o Nome-do-Pai “[...] é aquele significante que constitui a chave de volta (lacanianamente, o ponto de capiton) para toda operação metafórica, enquanto fornece ao sujeito aquele lugar vazio na cadeia significante. Tal lugar permite as operações de substituição e condensação; vale dizer, a significação do falo. [...] é um significante totalmente assemântico, não significa nada e, por isso, presta-se a conectar entre eles as significações (FELICIOTTI; VIGANÖ, 2007)”.

¹⁷Em *O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, Lacan (1998) situa esta operação ao nível de uma *identificação* no sentido analítico do termo, a partir da qual se produz uma transformação no sujeito por meio da assunção de uma imagem. Trata-se aqui de um processo fundamental, antes constituinte que constituído, no qual ao *infans* se antecipa uma imagem, uma *Gestalt*, que está além de sua maturação fisiológica. De acordo com o autor (1998, p. 100), o estádio do espelho “[...] fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica — e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental”.

relação especular entre o sujeito e aquele que veicula a função materna; relação esta que oscila entre uma identificação transitiva com a própria mãe e uma identificação com o objeto de seu desejo (SOLER, 2007).

Assim, o Nome-do-Pai interpõe uma barreira entre a encarnação primeira do Outro e a criança — ou, vale dizer, entre a mãe e esta última —, instaurando-se o ponto de basta que sobrepõe a Lei simbólica à posição anteriormente sustentada pelo sujeito: posição de objeto entregue aos caprichos do Outro. É com este movimento que se institui a lógica do *desejo*, possibilitando-se ao sujeito a assunção de uma posição sexuada em uma dialética correspondente a *ter* ou *não ter* o falo (SANTOS; OLIVEIRA, 2012). É importante que nos indaguemos: como se opera esta travessia que, acarretando no acesso ao registro do Simbólico, indica a transposição do registro “*ser o falo*” para aquele do “*ter o falo*”?

Conforme explica-nos Dor (2011), primitivamente, a criança é, ela própria, o esboço do objeto fálico, acomodando-se a esta instância de completude de forma tal que desconhece a castração. Trata-se aqui de uma identificação imaginária que não comporta a presença de um *terceiro*: ou melhor, tolera-a unicamente como a apresentação de um estranho que, por intrusão, coloca em cheque o recurso imaginário que possibilita a saturação do Outro. É ascendendo ao lugar de *falo* que o Pai *Real* — concebido como o agente da castração — passa ocupar a posição de rival, de Pai *Imaginário* que, em movimento de *ser* o falo, aponta para um referente ao Desejo da Mãe que não a própria criança. A partir deste tempo é que se faz possível a veiculação do significante Nome-do-Pai na dimensão do Desejo materno, na medida em que, concernindo ao advento do *Pai Simbólico*, esta operação indica que o Outro é barrado e que seu desejo é, ele próprio, submetido à lei paterna. O Nome-do-Pai e seu processo metafórico correlato, no transcurso do Édipo, conferem uma designação simbólica à ausência da mãe (significativamente atribuída à presença do pai), introduzindo como consequência última a divisão do sujeito pela linguagem.

Esta dinâmica é, no contexto de uma discussão mais ampla, assinalada por Lacan (2008, p.270) em seu escrito *A significação do falo*:

A demanda de amor não pode senão pade-

cer de um desejo cujo significante *lhe* é estranho. Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-la. Assim, a divisão imanente ao desejo se faz já sentir por ser experimentada no desejo do Outro [...] Essa experiência do desejo do Outro, a clínica nos mostra que ela não é decisiva na medida em que o sujeito aí fica sabendo se ele mesmo tem ou não um falo real, mas na medida em que ele toma conhecimento de que a mãe não o possui. [...] Logicamente, é da lei introduzida pelo pai nessa sequência que depende seu futuro.

Na psicose, o que se presentifica é um Outro-todo, não barrado: é o Deus de Schreber que, incessantemente, exige o *cultivo da volúpia* e o contínuo exercício do pensamento. Ao não inserir-se na lógica fálica, perde-se a dimensão de *sujeito desejante* e, à deriva, o psicótico é habitado pela linguagem. Implica-se aqui que o sujeito é *falado* e, assim, situado em confronto com a incidência do significante no Real. Contudo, o trabalho delirante pode emergir como um destino possível confiado aos efeitos da forclusão: é neste sentido que Lacan situa a formulação freudiana que apresenta o delírio como um processo no sentido da *cura*.

Em seu seminário dedicado às psicoses, Lacan (2008) situa a alucinação verbal em suas relações com a exclusão do Outro¹⁸ na psicose e, assim, a referência a esta instância, nesta estrutura, realizar-se-ia por alusão. O que concerne ao sujeito, portanto, como evidenciado pela alucinação verbal paradigmática por Lacan¹⁹, não retorna do Outro sob uma forma invertida, mas sim, ressoa na boca do outro, parceiro imaginário. Situando suas formulações em relação ao *Esquema L*, o autor propõe:

O a minúsculo que é o senhor que ela encontra no corredor, e não há A maiúsculo. O minúsculo a' é o que diz *Eu venho do salsicheiro*. E de quem se diz *Eu venho do salsicheiro*? De S. O minúsculo a *lhe* disse *Porca*.

¹⁸Ver-se-á com *De uma Questão Preliminar...* que o que está excluído não é o Outro, mas sim, o Outro enquanto barrado pela lei paterna.

¹⁹Trata-se aqui do significante “*Porca*”, alucinado por uma paciente do Hospital Sainte-Anne atendida por Lacan. A *injúria*, de acordo com a paciente, teria sido proferida por seu vizinho. Contudo, ao longo do atendimento, Lacan conseguiu acessar uma frase proferida pela mulher anteriormente à *injúria*: “*Eu venho do salsicheiro*”. Miller (2013) assinala que Lacan considera o conjunto formado pela *injúria* e pela frase precedente como uma cadeia significativa que foi rompida. A palavra “*Porca*” foi arrancada da cadeia significativa e atribuída ao Outro, denotando uma distribuição de designação subjetiva.

A pessoa que nos fala, e que falou, enquanto delirante, *a'*, recebe sem nenhuma dúvida em alguma parte sua própria mensagem sob uma forma invertida, do outro, com *a* minúsculo [...]. Se essa mulher é propriamente uma paranoíca, é que o ciclo, para ela, comporta uma exclusão do Outro com *A* maiúsculo. O circuito se fecha nos dois outros com minúscula que são o fantoche na frente dela, que fala, e no qual ressoa a mensagem que é a dela, e ela própria que, enquanto eu, é sempre um outro e fala por alusão (LACAN, 2008, p. 66).

Pressupõe-se ao retorno no Real que o significante esteja fora da cadeia, ou seja, como já referido, implica-se neste fenômeno o fracasso do Édipo. O significante “*Porca*”, neste sentido, é externo à cadeia; porém, conquanto desconectado dos demais significantes, é articulado ao gozo²⁰ (SOLER, 2007). Na psicose, os eixos *a-a'* e *S-A* do *Esquema L*, aponta Quinet (2006), colapsam.

Situada nas origens do trabalho delirante, a *dissolução imaginária* é engendrada em razão do chamado simbólico que evidencia a ausência do significante Nome-do-Pai e o consequente furo que se abre no lugar da significação fálica. Consiste, pois, em um descarrilamento que remete ao retorno no Real daquilo que não foi simbolizado²¹.

Sabemos que, com efeito, à ascensão de Schreber à posição de Mulher de Deus sobrevieram efeitos apaziguadores: algo se inscreveu e delimitou o inefável da *emasculação* a ele imposta. Também o significante “*Porca*”, alucinado pela paciente de Lacan, encerra uma injúria e, em razão de seu caráter enigmático, enseja um delírio de perseguição. Que faz o trabalho delirante em relação à perplexidade despontada pela emergência do significante no Real?

DO CHAMADO SIMBÓLICO AO DESCARRILADO PERCURSO À METÁFORA DELIRANTE

Se a forclusão (*Verwerfung*) do Nome-

-do-Pai no Outro consiste na operação determinante à estrutura psicótica, é justamente o apelo simbólico ao significante paterno jamais inscrito que se articula àquilo que conhecemos por *entrada na psicose*. No entanto, ainda que acidentado no que diz respeito à captura pela linguagem, o psicótico pode alicerçar-se em identificações imaginárias e, por meio deste frágil recurso especular, salvaguardar-se de modo tal que a incidência dos fenômenos elementares não seja flagrante. Schreber, afinal, não teve sua psicose “desencadeada” tardiamente?

Já abordamos que o psicótico permanece atrelado ao enigma do desejo do Outro. É necessário agora explicitar que, como condição para o *surto psicótico*, situa-se a quebra da identificação especular por meio da qual foi viabilizada a assunção do lugar do falo; de tampão do desejo materno. É este abalo que, justaposto à requisição do significante paterno em razão de determinadas contingências da vida, acarreta na emergência daqueles fenômenos que usualmente são abarcados no termo *desencadeamento*. É a partir da evocação do significante primordial jamais advindo no Outro que se deflagra a “cascata” de remanejamentos imaginários (GUERRA, 2007).

Neste sentido, é ao se presentificar um chamado ao pai real — portanto, quando do apelo a *Um-pai* — que o sujeito se precipita na psicose. Desse modo, é a partir do posicionamento deste *Um-pai* como terceiro em relação ao par imaginário *a-a'* (eu-objeto ou ideal-realidade) que se produz a dissolução imaginária. Atestada a falência do Nome-do-Pai, ou seja, seu decesso como significante do Outro como lugar da lei, resta-lhe que, desatrelado da cadeia, reapareça no Real (LACAN, 1998). Faz-se possível, portanto, que remetamos o desencadeamento da psicose de Schreber ao apelo simbólico associado à nomeação ao cargo de Juiz Presidente: tratar-se-ia aqui de uma convocação ao exercício da função paterna, na medida em que a esta nomeação se implica uma responsabilidade com as *leis* (RICHA, 2006).

Derivando da inoperância da Lei paterna um puro e simples buraco no Outro, a partir do qual se abre um furo correspondente no significado (correlato ao não advento da significação fálica), resta ao delírio a tarefa de, ao longo de um sofisticado processo, construir o *ponto de basta* capaz de instaurar uma articulação inédita entre significante e significado: como artifício dirigido

²⁰De acordo com Guerra (2010), a inscrição do Nome-do-Pai instaura o sujeito desejante e, neste movimento, esvazia o Outro como lugar do gozo. Uma vez que o psicótico rejeita este significante, o Outro se presentifica e invade suas relações — é o que vemos no fenômeno alucinatório. Desta forma, não contido pela linguagem, o gozo retorna no Real como excesso. O sujeito, neste sentido, fica identificado como objeto do gozo do Outro.

²¹“O importante é ver que isso [o delírio] corresponde à demanda, feita de viés para integrar o que surgiu no real, e que representa para o sujeito essa alguma coisa dele mesmo que ele nunca simbolizou (LACAN, 2008, p. 118)”.

à estabilização, ao trabalho delirante caberia a formulação de uma metáfora original capaz de suprir a carência da metáfora paterna. Em relação às especificidades do delírio, Jacques-Alain Miller (1996) o situa como uma regressão tópica ao estádio do espelho que, como tal, desnuda a relação especular no que ela tem de mortífero; no que ela concerne à proliferação dos fenômenos duais de agressividade. Contudo, é por meio do delírio e dos remanejamentos do significante que nele se implicam que o sujeito se destina à produção de um sentido sobre a estranheza que o invade. Como bem ilustra a psicanalista Colette Soler (2007, p. 199), “A experiência enigmática [do psicótico] [...] é centrada em que, quando um significante aparece sozinho no real, ele produz, no nível da significação, um vazio enigmático. É esse vazio enigmático que se converte em certeza de significação”.

Em seu escrito *De uma questão preliminar*, Lacan demonstra que, como consequência da forclusão do significante Nome-do-Pai, há a não estabilização do campo da realidade para o psicótico, diferentemente do que ocorre na subjetivação neurótica. A realidade, deste modo, após o desencadeamento da psicose, precisa ser reestabelecida por meio do trabalho delirante de reconstrução²².

A falha que se incide nos registros do Simbólico e do Imaginário é, a partir da construção da metáfora delirante, contornada de forma tal que se faz possível o esboço de uma organização inédita ao campo da realidade. A metáfora delirante remonta, pois, à inscrição de um significante que passa a ordenar a cadeia; constitui-se, assim, como a forja um significante Ideal que vem a ocupar o vazio deixado pela forclusão. A inserção do significante Ideal se dá em um movimento assintótico: uma vez que remetido ao infinito, o que se lança indefinidamente adiante é uma colisão potencialmente mortífera. O movimento assintótico coordenado pelo Ideal configura-se como um recurso que separa o *Eu* da posição de objeto de gozo do Outro (JACINTO; COSTA, 2011).

Já abordamos anteriormente que, consistindo em uma espécie de apaziguamento

²²No referido trabalho de Lacan, há a proposição de dois esquemas que tentam abarcar o campo da realidade na neurose e na psicose. Trata-se aqui dos *Esquemas R e I*, consistindo o segundo em uma deformação do primeiro. O *Esquema I* demonstra graficamente a solução arranjada por Schreber diante da forclusão do Nome-do-Pai e da respetiva hiância imaginária; aponta, assim, para o distanciamento entre o sujeito e o Outro que lhe toma como objeto de gozo.

do trabalho delirante e das invasões oriundas do Real, a ascensão de Schreber ao posto de *Mulher de Deus*, conquanto por ele aderida, diz respeito a um processo passível de extensão indefinida ao longo dos anos. Há aqui um consentimento com os imperativos do Outro que, no entanto, pressupõe um relativo distanciamento entre Schreber e as exigências divinas.

De acordo com Soler (2007), o Ideal constituído pela metáfora se assenta em que o Nome-do-Pai não se inscreveu, elevando Schreber ao posto de legítimo esteio da nova lei do universo: a *Ordem das Coisas*. No registro do imaginário, sobrepõe-se ao buraco resultante da elisão do falo uma significação de suplência — para Schreber, trata-se de ser a *Mulher de Deus*. Este resultado se assemelha ao momento anterior à precipitação na psicose, no qual o jurista apoiava-se numa identificação de suplência no movimento de suprir e saturar o Desejo da Mãe; no entanto, implica o ingresso do Ideal no lugar do Nome-do-Pai e a entrada da significação da feminização no lugar da significação fálica.

No que concerne ao direcionamento do trabalho delirante à inscrição de um Ideal capaz de tratar a incidência do gozo do Outro na psicose, Jean-Claude Maleval, psicanalista francês, atribuiu ao delírio uma lógica quaternária²³ a qual, de acordo com seus estudos, estaria implícita nas formulações lacanianas acerca do tema. Acompanharemos essas formulações por meio da dissertação de Menicucci (2008) que, ao discorrer sobre as dificuldades e os paradoxos da articulação entre o conceito de metáfora delirante e a clínica psicanalítica das psicoses, aborda suas características essenciais.

Menicucci (2008) assinala que a primeira fase do delírio caracteriza-se por uma deslocalização do gozo e uma angústia extrema que lhe é correlativa: o psicótico vê-se aqui em um momento de perplexidade e sofrimento intenso. É ao buraco no Simbólico que, enfatizado pela emergência do que Lacan designa de *Um-pai*, remetem-se as origens do conflito. O encontro com um vazio esmagador mobiliza o sujeito a um trabalho de remanejamento do significante com o intento de construir e delegar um sentido àquilo que o invade. A deslocalização do gozo se relaciona à ruptura da cadeia significante.

²³Organizadas por uma sucessão lógica e não cronológica, Jean-Claude Maleval propõe as seguintes fases do trabalho delirante: *Deslocalização do gozo e perplexidade angustiante (P0)*; *Tentativa de significantização do gozo do Outro (P1)*; *Identificação do gozo do Outro (P2)*; e *Consentimento com o gozo do Outro (P3)*.

Trata-se aqui do surto psicótico; do apelo àquilo que jamais se inscreveu.

O segundo período é demarcado por um movimento de *significantizar* o gozo e, portanto, encontramos-nos no despertar da paranoia. Recorre-se aqui ao significante no intuito de conferir um sentido aos fenômenos que no Real se despontam. É o que fez Schreber ao atribuir à Flechsig o papel de perseguidor implacável, responsável por toda a injúria que lhe acometia. A terceira fase do delírio caracteriza-se pela identificação do gozo do Outro, que possibilita ao sujeito uma relativa ancoragem — trata-se de um momento a partir do qual se inicia a sistematização do trabalho delirante, ainda que concomitante à persistência da tônica do estádio do espelho. Os perseguidores, contudo, são agora localizados: implica-se aqui, neste sentido, a localização do gozo no campo do Outro. A terceira fase, portanto, refere-se ao registro da paranoia (MENICUCCI, 2008).

Em relação à quarta fase do delírio proposta por Jean-Claude Maleval, Jacinto e Costa (2011) elucidam que se verifica a imposição de um evidente consentimento ao gozo do Outro. A este processo subjaz a crença do psicótico de que, em razão de sua condescendência, o acesso a um lugar privilegiado lhe é garantido. Neste período a megalomania ganha ênfase, ratificada pela elevação do sujeito a uma personagem de destaque universal. É com a emergência deste período que Schreber deixa de ser perseguido e sua feminilização ganha o estatuto de condição para a redenção da humanidade. Para Menicucci (2008, p. 87), neste momento: “O sujeito acredita ser o escolhido de Deus ou, mesmo, o próprio Deus. Surgem profetas ou grandes sábios que têm por missão resolver um problema fundamental para o universo”.

O delírio, pois, dirigindo-se à construção de uma metáfora, erige-se como um recurso para conter o gozo: gozo do Outro a partir do qual se impõe um assujeitamento. O sujeito é, portanto, marcado por uma passividade em relação ao Outro gozador; ao Outro que odeia (delírio de perseguição), ao Outro que trai (delírio de ciúme) e ao Outro que ama (megalomania). A castração, uma vez que não simbolizada, promove no corpo seus efeitos enigmáticos: a imaginarização da castração no corpo é o efeito da ausência de sua circunscrição pelo Simbólico. A consequência da elisão do falo, neste sentido,

é verificada no gozo transexualista²⁴ e na transformação em mulher que se impõe a Schreber, presentificando-se a vertente imaginária do processo de estabilização. Já em relação à foraclusão do Nome-do-Pai, correlata à não inscrição do falo, as soluções empregadas dizem respeito ao delírio: na medida em que Deus quer tornar Schreber sua mulher, faz-se imprescindível o estabelecimento de uma *Ordem do Mundo* (QUINET, 2006).

Ainda que consistindo em um sofisticado desfecho para os impasses relativos à foraclusão do Nome-do-Pai, a metáfora delirante não se caracteriza como a única saída possível àquele que se precipitou diante de um puro e simples furo — assim como, é possível pontuar, não se configura como o recurso mais assente. Não só a edificação de um Ideal (e sua disposição em uma assíntota) permite que o sujeito barre o insaciável gozo do Outro, demarcando a saída de um arranjo que o condena a posicionar-se como seu objeto. Seguir com este problema, contudo, sinonimiza exceder aos limites do presente trabalho. Permanece, no entanto, em relação à estabilização psicótica produzida via metáfora delirante, uma interrogação pertinente: que faz o psicanalista diante de um psicótico engajado em seu trabalho delirante?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordarmos a subjetivação psicótica a partir do ensino lacaniano²⁵, concomitantemente, defrontamo-nos com uma série de interrogações acerca das possibilidades e limites que circunscrevem a clínica psicanalítica das psicoses. Empregando-se uma leitura demasiado superficial e apressada das noções de desencadeamento e estabilização, noções estas que, na psicanálise, são correlatas ao mecanismo de *forclusão* de um significante primordial, poder-se-ia conceber que o trabalho delirante prescinde de quaisquer

²⁴A questão elevada por Freud a uma categorial central no que diz respeito às psicoses — a *homossexualidade paranoica* — com Lacan, recebe um novo estatuto. Esta noção diz respeito à não inscrição da norma fálica que deixaria o psicótico à deriva diante da partilha dos sexos; diante da irrevogável diferença sexual. Soler (2007, p. 228) aponta: “[...] a noção de empuxo-à-mulher situa-se claramente no nível da sexualização do sujeito: implica uma modalidade de gozo, mas deixa em suspenso a escolha de objeto”. Trata-se aqui, portanto, de uma problemática antes *transexual* que *homossexual*.

²⁵No presente trabalho, como já anunciado, limitamo-nos à clínica estrutural lacaniana, na qual se implica uma primazia do Simbólico e se concebe o problema das estruturas eminentemente a partir da (não) inscrição do significante Nome-do-Pai no Outro.

tipos de escuta. Como podemos verificar, não é isto que propõe Jacques Lacan ao indicar-nos que, conquanto não se deva recuar diante da psicose, cabe ao psicanalista contentar-se com as especificidades de seu exercício; com sua função de *secretariar do alienado*: “Pois bem, não só passaremos por seus secretários, mas tomemos ao pé da letra o que ele nos conta [...] (LACAN, 2008, p. 241)”.

Neste sentido, Lacan sustenta uma postura ética que, ao conferir a devida magnitude à fala do paciente (recuperando-se, portanto, a questão do sujeito), permite que a verdade por ele veiculada seja reconhecida. Em suma, foi isto que fez Sigmund Freud ao dedicar um minucioso exame aos escritos de Schreber, desprezando pormenores ditos científicos que em nada lançam luz ao problema²⁶. Sustentemos, portanto, a interrogação: na clínica das psicoses, qual o lugar ocupado por aquele que oferta a escuta? Afinal, como apontado por Soler (2007), a posição assumida pelo presidente Schreber não o dispõe quase como o analista de seu Deus?

Pensando-se a atuação do psicanalista a partir das elaborações lacanianas referentes à década de 50, no que diz respeito ao *secretário do alienado*, depreende-se que é de sua alçada assessorar o processo de edificação de uma metáfora delirante — ou, vale dizer —; subentende-se que faz parte de seu ofício acompanhar o trabalho de composição de uma *pseudometáfora*. O psicanalista assume, neste sentido, um papel coadjuvante no percurso que intenta distanciar o sujeito de um Outro invasivo e gozador. No entanto, como diferença fundamental em relação ao manejo clínico das neuroses, pode-se evidenciar que à escuta ofertada ao psicótico não se implica o recurso da interpretação. Assim, como bem assinala Éric Laurent (1995, p.190), “Se [a psicose] de fato exclui um certo funcionamento da interpretação em nome do pai, se exclui o ‘bancar o pai’ ou o ‘bancar a mãe’ como tantas tentações que surgem quando se coloca a ênfase em ‘lembrar a lei ao psicótico’ [...]”. Estamos aí no registro do que o psicanalista faz: não é de sua competência introduzir a dimensão da lei ou fazer as vezes do que caiu sob o golpe da *Verwerfung*. Não se pode, portanto, inserir o psicótico na norma fálica.

²⁶Lacan (2008) ratifica esta posição de *secretário* afirmando que, simplesmente ao escutar o sujeito, obtém-se um material mais relevante do que aquele acessado pela determinação científica das características ou modalidades da alucinação (verbal, sensorial, dentre outras), por exemplo.

Já asseveramos que, para além de afirmar a posição do sujeito (que, em essência, é a de *testemunha aberta* do discurso do Outro), ao psicanalista compete auxiliar no trabalho de construção de um sentido à invasão que o interroga e atormenta. Seu papel é, deste modo, ativo e não restrito àquele de registrar o que a *testemunha* relata. Ao discurso delirante, quando de sua acolhida por um destinatário — que não necessariamente será um psicanalista —, torna-se possível certo ancoramento; uma relativa organização, ainda que peculiar. Esta é uma das formas por meio das quais o sujeito pode delimitar um espaço de existência, barrando as invasões do Outro e apacificando seu percurso (MEYER, 2008). Para que o manejo clínico seja viável, distintamente da clínica das neuroses — a qual se fundamenta por meio da imputação de um saber ao psicanalista —, é preciso que um *não saber* seja constantemente sustentado. Como elucida Carneiro (2008), entra em jogo uma inversão da suposição de saber, que se sustenta na premissa de que o psicótico sabe o seu trajeto e a transferência se estabelece não com o suposto saber, mas justamente com aquele que nada sabe.

O trabalho de Lacan dedicado à questão das psicoses é, como foi possível demarcar, mais do que uma retomada ao legado de Freud. Alicerçado não apenas na noção de *Verwerfung*, mas também nas elaborações relativas à problemática da regressão ao narcisismo²⁷, o ensino laciano inaugura uma abordagem original que, no entanto, está sempre aberta a revisões e questionamentos. Ao apreender a questão das psicoses por forma a não lhe dirigir uma análise eminentemente fenomenológica, Lacan permitiu seu definitivo ingresso no domínio da psicanálise. Ao analista se fez sustentável — enfim — um lugar às adjacências de um percurso o qual, em um nada de linear, esboça-se do apelo ao não inscrito à metáfora delirante.

²⁷No que diz respeito à etiologia das psicoses, em suas *Observações* sobre o Caso Schreber, Freud propõe que a paranoia decorre de um retorno libidinal ao estágio do *narcisismo*, ao tempo em que a parafrenia — pensemo-la sob o termo *esquizofrenia* — seria demarcada por uma fixação ainda anterior, ao nível do *autoerotismo*. Neste sentido, Lacan atualizou estas proposições freudianas com a asserção de que, na paranoia, há um retorno do gozo do Outro (correlato à regressão tópica ao estágio do espelho), ao tempo em que, na esquizofrenia, haveria um retorno do gozo do Corpo. Esquizofrenia e paranoia, neste sentido, remontar-se-iam a distintos momentos lógicos da constituição do sujeito.

REFERÊNCIAS

CABAS, A. G. **A função do falo na loucura**. Campinas: Papirus, 1988.

CARNEIRO, N. G. de O. Do modelo asilar-manicomial ao modelo de reabilitação psicossocial: haverá um lugar para o psicanalista em Saúde Mental? **Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental**, São Paulo, v. 11, n. 2, p.208-220, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000200003>. Acesso em: 10 jul. 2013.

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

FELICIOTTI, P.; VIGANÒ, C. Pode-se fazer um diagnóstico de pré-psicose? Uma questão preliminar ao diagnóstico de estrutura. **Mental**, Barbacena, v. 5, n. 8, p.15-38, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-44272007000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jul. 2013.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber") (1911). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10, p. 13-107.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006c. v.11, p. 67-141.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006a. v. 14, p. 77-108.

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006b. v.19, p. 155-161.

_____. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006g. v. 19, p. 203-209.

_____. Neurose e psicose (1924). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006f. v. 19, p. 165-171.

_____. Construções em análise (1937). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006h. v. 23, p. 275-281.

_____. A divisão do ego no processo de defesa (1940). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. v. 23, p. 291-296.

_____. Esboço de psicanálise (1940). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006e. v. 23, p. 153-221.

GUERRA, A. M. C. **A estabilização psicótica na perspectiva borromeana: criação e suplência**. 2007. 270 f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp083950.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

GUERRA, A. M. C. **A psicose**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do Alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HERRMANN, M. C. O real na psicose. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 279-193, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000100025&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jul. 2013.

JACINTO, R. S.; COSTA, A. M. M. da. Considerações sobre o conceito de

estabilização nas psicoses. **Arquivo brasileiro de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 2, p. 49-57, maio, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000200006>. Acesso em: 10 jul. 2013.

JACINTO, R. C. S. dos S.; COSTA, A. M. M. da. "Eu não tenho boca": Considerações sobre o delírio das negações. **Psicanálise & Barroco em revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.65-79, jul. 2013. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/21/08PeBRev21_08_Jacinto_Costa.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

_____. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.

_____. **O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

_____. A significação do falo (1958). In: _____. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1959). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LACET, C. Da forclusão do Nome-do-Pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 243-262, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psup/v15n1-2/a23v1512.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

LAURENT, E. **Versões da clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995.

MENICUCCI, J. G. **A metáfora delirante na clínica das psicoses: limites, impasses e paradoxos**. 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp110597.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

MEYER, G. R. Algumas considerações sobre o sujeito na psicose. **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.299-312, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982008000200009>. Acesso em: 10 jul. 2013.

MILLER, J-A. Jacques-Lacan e a voz. **Opção lacaniana online**, Rio de Janeiro, v. 4, n.11, jul. 2013. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_11/voz.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

_____. **Matemas I**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

QUINET, A. **Psicose e Laço Social**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

RABINOVITCH, S. **A forclusão: presos do lado de fora**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

RICHA, C. M. O. Efeitos do encontro com o sexual na psicose: um estudo de Freud a Lacan. **Psicanálise & Barroco em revista**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 86-130, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/07/EFEITOS.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

SALES, L. S. Passagem da compreensão à verdade: contribuição do estruturalismo à teoria lacaniana da psicose. **Ágora: Estudos em teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 211-227, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982007000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jul. 2013.

SANTOS, T. C. dos; OLIVEIRA, F. L. G. de. Teoria e clínica psicanalítica da psicose em FreudLacan. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p.73-82, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722012000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jul. 2013.

SOLER, C. **O inconsciente a céu aberto na psicose**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

**DEL APELO AL NO INSCRIPTO A LA METÁFORA
DELIRANTE: CONSIDERACIONES SOBRE LA
SUBJETIVACIÓN PSICÓTICA EN FREUD Y
LACAN**

RESUMEN: Basándonos en la enseñanza de Sigmund Freud y Jacques Lacan, objetivamos circunscribir el problema de la estructuración psicótica de forma a sostener una pertinente interrogación: ¿cuáles las especificidades dispensadas al manejo de una clínica psicoanalítica de psicosis? Por último, este estudio es dedicado a delimitar las particularidades de un sinuoso trayecto que, correlativo a la emergencia de un llamado simbólico, se destina a la edificación de un recurso capaz de ablandar los efectos de no incidencia de la metáfora paterna. Así, buscando aprender las especificidades del concepto de metáfora delirante, presentaremos la causa de la acción psicótica en dos momentos distintos: de su atribución al advenimiento de una fantasía de anhelo homosexual a la proposición del concepto de exclusión del nombre del padre en el campo Otro. Con este movimiento, será posible discurrir acerca del retorno del significante en el Real y sus efectos correspondientes.

PALABRAS CLAVE: Lacan; Psicosis; Sujeto.